

28 junho 21h30
auditório TAGV
duração aprox. 1h45
M16

TEXTO E ENCENAÇÃO
Mickaël de Oliveira

INTERPRETAÇÃO
Afonso Santos, Bárbara Branco,
Beatriz Wellenkamp Carretas,
Fábio Coelho, Gabriela Cavaz,
Luís Araújo, Inês Castel-Branco

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS
Eduardo Breda, Francisco Ferreira,
João Tarrafa

DESENHO DE VÍDEO
E CINEMATOGRAFIA
Fábio Coelho

CENOGRAFIA E FIGURINOS
Pedro Azevedo

DESENHO DE LUZ
Rui Monteiro

APOIO COREOGRÁFICO
Cristina Planas Leitão

SONOPLASTIA E COMPOSIÇÃO
Sérgio Martins, Rui Lima

CARACTERIZAÇÃO
Anna Carneiro

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Gabriela Cavaz (Colectivo 84),
Susana Pinheiro

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Héloise Rego (Colectivo 84),
Hugo Dias

MEDIADAÇÃO
Maria João de Vasconcelos
(Colectivo 84)

COMUNICAÇÃO
Marta Ferreira, Bruno Barreto,
Pedro Magalhães, Rui Costa

DIREÇÃO TÉCNICA
João Monteiro

DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO
Marta Ferreira

Crocodile Club

O Corpo de Clara

Crocodile Club inscreve-se numa tradição de teatro fantasmagórico, com raízes nos grandes espetáculos e saraus que, a partir de meados do século XIX, mesclavam ciência, paraciência e espiritismo em vários pontos da Europa. Depois de *Hantológico* (2019, TAGV) e *Festa de 15 Anos* (2020, TNSJ) — dois trabalhos que, de formas distintas, ensaiavam a ideia de espetro como presença e dispositivo dramatúrgico —, iniciei em 2022 uma investigação sobre práticas mediúnicas nas artes performativas. Procurava encontrar pontos de tensão entre o artístico e o espectral na sua performatividade — uma vizinhança que, durante décadas, marcou as programações teatrais, quando o palco se abria a corpos atravessados por vozes, presenças e mensagens oriundas de outro lugar. A investigação materializou-se no objeto digital *Ecos_3* (disponível no site do Coletivo84), co-criado com Lígia Soares e João Garcia Neto. Talvez pela descontinuidade da tradição dos espetáculos de fantasmagoria, é hoje mais fácil vincular *Crocodile Club* à linhagem do cinema de terror — uma tradição que, aliás, o espetáculo também reivindica, nomeadamente pela utilização de um forte dispositivo audiovisual, como fonte de ficção e moldura para a sua receção.

O teatro fantasmagórico e o cinema de terror são territórios privilegiados da metáfora e da alegoria — da mais subtil à mais grosseira —, e *Crocodile Club* propõe a evocação de um fantasma que, como certas doutrinas, se transfere de corpo em corpo, esgotando-os numa cadeia de possessão ininterrupta que garante a sua propagação e adia o seu colapso. No espetáculo, esse espírito — de matriz nacional-socialista — não se instala pela força, mas pela empatia: encarna em corpos afáveis, comunicantes, saudáveis. Os espíritos, como as ideologias, são sempre sedutores nas primeiras fases da possessão.

Mas *Crocodile Club* é também sobre o reverso do espírito — o corpo. Um corpo sistematicamente convocado ao longo da peça, ora como lugar de desejo, ora como ameaça. Esses corpos — desejados, sacrificados, profanados — evocam uma iconografia cristã marcada pelo sangue do seu messias e dos seus mártires. Reencontramo-la na nossa mitologia mais recente: da decapitação de São João Baptista à Paixão de Cristo, dos estigmas dos santos às sagas contemporâneas de exorcismo — de Frankie Paige a Emily Rose. Ainda, se os anjos não têm género, escolheu-se o masculino para caracterizar o fantasma parasitário do corpo de Clara — jovem e fértil — que se torna involuntariamente espaço de inscrição desse outro, desse estranho, que fala por ela. Não é apenas uma figura de possessão ideológica: é também uma imagem da representação do feminino como território de conquista. *Crocodile Club* não esconde a iconografia do martírio contemporâneo do corpo feminino — sujeito ainda ao controlo, à violação, reeducação ou morte, num país onde a taxa de feminicídios continua entre as mais altas da Europa. É também nesse contexto cultural que o corpo de Beatriz, candidata populista, é esquartejado: não como punição, mas como solução prática e apressada para um problema maior — a sua dissimulação para evitar a criação de um novo mausoléu ideológico. O esquartejamento torna-se

DESIGN GRÁFICO
Eduarda Fontes, Susana Sousa

FOTOGRAFIAS
Bruno Simão, Ana Brígida

PRODUÇÃO
Colectivo 84, Teatro Oficina

COPRODUÇÃO
Teatro Aveirense,
Teatro Nacional São João

PARCERIA DE CRIAÇÃO
E APRESENTAÇÃO
Fábrica ASA, Centro Cultural
Vila Flor, Teatro Académico
de Gil Vicente

APOIO
Direção Geral das Artes —
Ministério da Cultura

PARCERIAS
Angelourenzzo, GrETUA,
CIM do Ave, Belbrisa

AGRADECIMENTOS
Teatro da Garagem, Pólo Cultural
das Gaivotas, Leonor Figueiredo,
Museu das Comunicações
de Lisboa, Um Segundo Filmes,
Mala Voadora

então alegoria daquilo que o espetáculo observa com inquietação: a tendência para esconder o problema, apagá-lo ou dispersá-lo.

Crocodile Club assume por isso um outro espírito, maior – o do nosso tempo inquietante, marcado por catástrofes anunciadas e por uma crescente complacência em relação à extrema-direita. A complacência é cultural, mediática, institucional e historicamente cíclica. Evoca, como decalque, o caminho permisivo que levou Hitler a Führer, a Alemanha a declarar-se um Terceiro Reich e ao extermínio imparável de minorias. Mas a extrema-direita de hoje apresenta-se com novos rostos, outros símbolos, mestre de uma arte aperfeiçoadas do disfarce. Na aparência, o inimigo mudou igualmente.

A distorção é política — e, por isso mesmo, semântica. Não é por acaso que o corpo de Clara é o palco de ambas. Quando Marine Le Pen, condenada por desvio de fundos europeus, invoca Martin Luther King Jr. como símbolo de resistência; quando Elon Musk acena com uma saudação nazi a uma multidão trumpista e nega o gesto; quando Trump mente sistematicamente e acusa a imprensa de desinformação — já não assistimos a contradições, mas a um novo léxico do poder. A negação tornou-se argumento. A mentira, estratégia. O insulto, performance. Em 2016, Trump afirmou que poderia matar alguém na 5.^a Avenida sem perder votos — e venceu. A quem é atribuída a célebre frase “Não existe má publicidade, apenas publicidade?”. A Phineas Taylor Barnum (1810-1891), empresário norte-americano de espectáculos de *aberração* e fantasmagoria, e um dos fundadores do circo moderno.

Não raras vezes, sinto que existem no nosso tempo acessos diretos (verdadeiros portais) para um mundo coberto de trevas por onde se observa a morte a circular novamente por superstição e ignorância organizada; guerras, epidemias, catástrofes ambientais, desprezo pela diferença, adesão a mitos antigos reciclados como verdade; onde poetas, bruxas e cientistas são silenciados — não em fogueiras, talvez, mas em campanhas de descredibilização, em decretos expeditivos e punitivos.

Num mundo a fumegar pelos piores motivos, o que podemos nós pelo corpo de Clara?

— Mickaël de Oliveira